

3

Mia Couto: intelectual moçambicano

As representações intelectuais são a atividade em si, dependentes de um estado de consciência que é cética, comprometida e incansavelmente devotada à investigação racional e ao juízo moral; e isso expõe o indivíduo e coloca-o em risco. Saber usar a língua e quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação intelectual.

Edward Said

Edward Said em seu livro intitulado *Representações do intelectual* tece uma série de apontamentos sobre a função de um intelectual em sua sociedade. Para Said o intelectual é uma espécie de “outsider, um ‘amador’, um perturbador do *status quo*” (SAID, 2005, p.10). Said ainda afirma que um intelectual tem como característica “o esforço em derrubar estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e comunicação” (SAID, 2005, p. 10).

Para conseguir fazer o que diz Said, o intelectual deve saber usar a língua, ser um articulador de ideias, aquele que consegue expressar seu conhecimento publicamente. Michael Foucault, em um diálogo com Deleuze sobre os intelectuais e o poder, afirma que a sociedade não depende de forma alguma de um intelectual para ter acesso a informações. À primeira vista, esta afirmação de Foucault e Deleuze parece contrariar o que diz Said sobre a função do intelectual. Entretanto, no decorrer do diálogo, Foucault explica que “existe um poder que barra, proíbe, invalida esse discurso e esse saber. Poder que não se encontra apenas nas instâncias superiores da censura, mas que penetra muito profundamente em toda sociedade” (FOUCAULT, 2006, p. 71). Isto é, existe uma instância que detém o poder sobre a sociedade, que apesar de não impedir o acesso à informação, manipula o discurso de forma a deixar ser representado apenas o que lhes é conveniente.

Por esse motivo, torna-se necessária a presença do intelectual, aquele que não se deixará levar pelo “saber-poder” – que silencia grande parte da sociedade – e fazer o que diz Foucault, “lutar contra as formas de poder exatamente onde ele é, ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento: na ordem do saber, da ‘verdade’, da consciência, do discurso” (FOUCAULT, 2006, p. 71).

Pensando a partir dos pontos levantados por Said, podemos afirmar que o intelectual é aquele que através de seus posicionamentos, de sua escrita, coloca em circulação situações, acontecimentos e discursos silenciados. Ele, o intelectual, permite que a história, a memória e a literatura possam ser lidas de outras formas que não a forma oficial. Segundo o escritor, quando o intelectual consegue assumir seu caráter perturbador, demonstra que uma sociedade “não é uma entidade natural e divina, e sim um objeto construído, fabricado, às vezes até mesmo inventado, com uma história de lutas e conquistas em seu passado, e que algumas vezes é importante representar” (SAID, 2005, p. 44).

No caso de Moçambique não foi diferente, foi através da palavra literária que a outra versão da história oficial começou a ser contada. Os discursos silenciados pelo poder colonial, imposto por anos, foram combatidos duramente pela literatura. Os escritores utilizaram a língua de seu colonizador como arma para combater os discursos distorcidos e estereotipados que circulavam sobre a sua sociedade. Primeiramente em jornais e depois em revistas literárias, os intelectuais moçambicanos contaram o outro lado da história que carecia de representação: as mazelas, escravidão, castigos corporais, corrupção, preconceito, entre outros.

Para isso, o uso da língua foi imprescindível, a língua portuguesa tornou-se uma arma de luta pelo fim da colonização, os intelectuais moçambicanos conseguiram fazer, o que pontua Said, articular ideias e expressá-las publicamente.

Mia Couto foi um desses intelectuais moçambicanos que expressou suas ideias e que ainda o faz. Ele é um dos escritores da geração de 80. Ao pensar sobre a situação política do país, o escritor comenta sobre seus livros:

(...) a independência foi em 1975, depois tivemos paz em 92, desde 92 nós temos um caminho que é um caminho de crescimento, de consolidação desta paz. E esta turbulência que o país foi vivendo é tão ligada à vida de cada um, que nossos escritores percorrem um caminho que é quase paralelo a isso. No meu caso, por exemplo, eu escrevi aquilo que era antes da guerra, durante a guerra, depois da guerra. **Os meus livros seguem muito próximos a essa espécie de crônica do fazer e desfazer de um país.** (grifo meu)

Essa literatura que tem como tema Moçambique “antes”, “durante” e “depois” da guerra, que ajuda a contar a história desse país, que leva ao leitor de Couto, um olhar de quem viveu e vive aquela realidade, um olhar que não apenas

resvala em sua literatura e na história de seu país, mas que corporifica a produção literária do escritor. Ao fazer de seu país o seu tema, Couto o coloca em comunicação e permite aos outros conhecerem um pouco de Moçambique.

No entender de Francisco Noa:

Entre os autores que se consagrariam tanto na década de 80 como 90, temos, também, Luis Carlos Patraquim, Aldino Muianga, Mia Couto, Paulina Chiziane, Fillomone Meigos e Nelson Saúte. A maior parte das obras destes autores é atravessada por temas diversos: desde os relativos à guerra civil (1976-2002), passando pelos temas quotidianos (NOA apud RIBEIRO e MENESES, 2008, p. 41-42).

As palavras de Noa pontuam a importância dos autores que fizeram a diferença na literatura de Moçambique e que utilizaram o espaço textual para criar uma identidade nacional – a moçambicanidade – colocando o país em comunicação com ele mesmo e com o mundo.

3.1

Mia Couto: o trajeto do escritor

Antonio Emilio Leite Couto, Mia Couto, nasceu na cidade da Beira (Moçambique), em 1955, moçambicano branco, filho de portugueses que foram trabalhar em posto do governo colonial passou a sua infância e adolescência na Beira. A cor de sua pele e o nome adotado por ele para assinar seus livros colocam o escritor em um lugar de estranheza primeiro porque esperam que um escritor moçambicano seja negro e segundo, para muitas pessoas Mia é um nome feminino. Logo quando falam do escritor esperam encontrar uma mulher e negra.

O autor é um dos três filhos do jornalista e também escritor Fernando Couto. Mia Couto afirma que puxou o gosto por histórias com sua mãe, Maria de Jesus, “[ela] contava história cujo fascínio nos prendia todo ser. Ela dava possibilidade de encantamento por via da palavra” (MACEDO, 2007, p. 193).

Em entrevista dada à Celina Martins explica como era morar na cidade da Beira e o contato com as diferentes etnias que ali viviam, afirmando que ali fora seu primeiro contato com a segregação racial.

Primeiro, a Beira era uma cidade muito particular, porque existia esse estigma da divisão racial, se calhar era o lugar de Moçambique onde essa hierarquia espacial

por raças era mais evidente. Segundo, a Beira era também um pântano, essa arrumação espacial não foi plenamente conseguida. A Beira acabou por ser até à Independência, uma cidade misturada onde essas margens dos territórios negros, brancos e das outras raças se entrecruzavam. E por circunstâncias da minha vida, vivi nessa margem, os outros estavam do outro lado da rua: os indianos, os pretos, os mulatos chineses – que só existiam na Beira. Isso me ajudou a encontrar a mestiçagem.

23

A cidade da Beira era uma espécie de recorte da situação que vivia a colônia Moçambique, Mia Couto afirma que não precisava que lhe explicassem o que era o colonialismo, porque na sua cidade a tensão racial era muito forte; nas escolas em que estudou quase não havia a presença de negros e o racismo contra negros e brancos nascidos na colônia era muito forte, esses mestiços eram chamados de brancos de “segunda categoria”; o autor afirma ainda que ele se “encaixava” nesta categoria e, por isso, “não precisaram explicar para mim o que era colonização, pois eu sentia na pele o que era o colonialismo” (COUTO, 2008, p. 12).

De acordo com Couto o ambiente colonial era extremamente hostil, os estudantes sofriam repressão policial e por isso muitos buscaram dentro das universidades um direcionamento político de esquerda. O escritor afirma que ele era um destes jovens. Ele afirma, em uma entrevista dada a Chabal Patrick, que os estudantes se reuniam para estudar textos de Che Guevara e Fidel Castro.

Mia Couto conta que foi pelo rádio que tomou conhecimento da FRELIMO, quando entrou na universidade para cursar medicina foi convidado a participar da frente de libertação. Seu trabalho inicial na frente era

(...) gravar programas da rádio FRELIMO, reproduzíamos e espalhávamos panfletos na cidade, e houve uma certa altura em que fomos para quartéis convidando os soldados para desertar. Enfim, escolhemos outras horas que não eram as estudantis para fazer nosso trabalho de reivindicação política (CHABAL, 1994, p. 279).

No ano de 1971, Couto mudou-se para a capital Lourenço Marques (atual Maputo). Após 25 de abril de 1974 passou a exercer a função de jornalista. Sobre este período o escritor relembra:

Em março de 1974, eu era um jornalista trabalhando como estagiário num vespertino em Maputo. Militava em grupos clandestinos de apoio à Frente de

²³ Entrevista concedida a Celina Martins, em 22 de abril de 2002, disponível em: <www.revistabrasil.org/revista/artigos/celina3.html>

Libertação e foi me pedido que abandonasse os meus estudos universitários para trabalhar num jornal da capital. Era preciso ‘infiltrar’ (assim se dizia) com quadros moçambicanos os órgãos de informação que estavam nas mãos dos portugueses. Um mês depois iniciar no estágio sucede o 25 de abril (COUTO, 2005, p. 55).

Após a Revolução dos Cravos em Portugal, a derrocada da Ditadura nacional, o movimento de libertação em Moçambique ganha mais força, então, nesse momento, Couto passa a dedicar-se integralmente à FRELIMO. Trabalhou no jornal *Tribuna*, até 1975, quando este foi destruído por colonizadores que se opunham às lutas contra a independência. Participou ativamente dessas insurreições como militante da FRELIMO. Com a chegada da independência, Mia Couto se tornou diretor da Agência de Informação de Moçambique (AIM), de 1976 a 1979. Além disso, foi diretor da revista *Tempo*, no período de 1979-1981, e do jornal *Notícias de Maputo*, de 1981-1985. Deste período de sua vida como militante ele relata:

Durante esse período eu consegui fazer um jornalismo engajado, a serviço da revolução, e isso eu fiz com grande dedicação. Hoje reconheço que havia muita coisa que não faria novamente, mas essa foi uma entrega de alma num período muito ético da história do nosso país, quando estávamos reconstruindo uma nação embriagados por uma causa. Depois houve um divórcio entre aquilo que era a prática e o discurso, e pedi para sair do governo (COUTO, 2008, p.11).

Sobre o fim do seu vínculo com a FRELIMO, o autor afirma que deixou de fazer um jornalismo político, mas continuou a trabalhar em jornais, só que escrevendo de forma politizada. Apesar da dissensão com o partido político, Mia Couto afirma não renegar seu passado e confessa que ainda é um simpatizante da Frente:

Acho que a FRELIMO passou a ter um discurso falseado, mascarado, com objetivos ainda socialistas quando eles todos já tinham se convertido em empresários de sucesso. Eu já não estou lá. Mas quando a FRELIMO cantava era uma coisa que fascinava. Lembro da primeira vez em que vi Samora Machel, que era um Deus para nós, nós endeusávamos aquele homem. Era nosso Guevara [...] E agora quando chego a este Congresso e começam aquelas canções e começam aqueles velhos militantes que eu conheci e que eram jovens, todos, naquela época, estava ali um pedaço da minha história (...) Porque estavam presentes esse mesmo Samora, esses heróis nacionais, estavam sendo enfocados nesse clima de celebração, quase missa. E eu pensava assim, eu não posso deitar essa parte da minha vida fora, não posso. Porque, senão, fica um vazio (COUTO, 2002, p. 4).

Na década de 80, período considerado por muitos estudiosos de literatura africana, como o período de renovação da literatura moçambicana, Mia Couto lança o seu primeiro livro, *Raiz de Orvalho*, em 1983. E, em 1986, *Vozes anoitecidas*, que tal como já dissemos no capítulo anterior foi alvo de muitas discussões no meio literário, por inaugurar uma forma de fazer literatura.

Em 1987 passa a integrar o grupo de teatro Mutumbela Gogo, de Moçambique, segundo Couto o teatro é uma grande paixão, um local onde lhe possibilitou aprender muito sobre o processo de escrita.

A minha passagem pelo teatro foi uma das melhores escolas que eu tive, eu escrevia para um grupo de teatro, ao qual pertença a 14 anos. E escrever para eles, e depois perceber como é que as pessoas reagiram ao ver às peças de teatro aqui na cidade, nas zonas rurais, quais eram as diferenças, me ensinou muito sobre o que é se comunicar com os outros (COUTO, 2002).

No ano de 1999, recebeu o prêmio Virgílio Ferreira, pelo conjunto da obra, o autor é considerado um dos mais importantes escritores de língua portuguesa. Em 2002 ganhou o *Noma Award*, pelo livro *Terra Sonâmbula*, considerado um dos melhores livros do século XX, da África. Seu reconhecimento como escritor é fruto de sua capacidade em potencializar o signo, por meio de uma expressão teatralizada, que permite transparecer um investimento na oralidade, no efeito do discurso oral e do diálogo. Seu projeto literário aponta para a conciliação da palavra escrita com os recursos do contar oral.

No artigo “*Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens*”, Noa traça uma espécie de panorama da literatura em Moçambique e sinaliza a importância de alguns autores, como Mia Couto, para esta literatura. Para Noa, a despeito de todas as adversidades, tais como “um sistema educacional, sobretudo, em nível do ensino básico e secundário, com dificuldade manifesta em promover hábitos e o gosto pela leitura, nas crianças”²⁴ ou ainda dificuldades editoriais, mesmo assim, esses escritores “mantêm viva a chama da literatura moçambicana”.²⁵

Escritores como Mia Couto mantêm viva a literatura moçambicana porque continuam a produzir suas literaturas e assim vão ganhando espaço para editarem os seus livros em sua língua, o português, e em outras línguas, levando o Moçambique que imaginam a outros locais do mundo. Mia Couto afirma que o

²⁴ NOA apud RIBEIRO e MENESES, 2008, p. 42.

²⁵ Idem.

papel deles, escritores moçambicanos, é o de ajudar a criar moldura para o seu país. Muitos escritores, como ele, são mais velhos do que o país, Moçambique.

A produção literária de Mia Couto apresenta uma estética que se alimenta da oralidade, ou melhor, do modo de narrar africano, ou como comenta o próprio escritor, “inclusive a maneira como eu escrevo nasce desta condição de que é um país dominado pela oralidade, um país que conta histórias através da via da oralidade” (COUTO, 2007, p. 3).

Helder Macedo aponta a importância da escrita de Mia Couto para a literatura em Moçambique e conclui que, apesar de sua etnia europeia, Couto é um escritor moçambicano e a sua literatura também o é. Aliás, esta traz uma espécie de inovação para a literatura de língua portuguesa:

Mia Couto é um escritor moçambicano que continuaria a sê-lo onde quer que vivesse e escrevesse. De família portuguesa recente em Moçambique, e de inquestionável etnia europeia, mas sem dúvida moçambicana, porque consegue integrar em suas “palavras escritas” a tradição oral das culturas nacionais [...] E creio também que não só pelo valor culturalmente abrangente, que também possa ter, não apenas porque dá voz escrita às vozes moçambicanas sem escrita, mas porque é, sobretudo, uma literatura que traz forma à incerteza e que imagina a plural nação que Moçambique possa vir a ser para que possa perceber a nação plural que é. A obra de Mia Couto é uma escrita que está à espera da História, é uma literatura de fundação virada para o futuro (*Jornal das Letras*, novembro de 2008).

A produção literária de Couto e outros escritores moçambicanos como Paulina Chiziane, Luis Carlos Patraquim, João Paulo Borges ajuda a contar a história de seu país e a colocar em discussão pontos soterrados da história, como a polêmica imposição da língua portuguesa, a guerra civil e a esperança em ver a nação Moçambique erguida. Esses intelectuais moçambicanos se empenham em dar rosto ao seu país.

Todavia, fazer tal afirmação não significa dizer que Mia Couto “dá voz” aos moçambicanos, pois sua literatura, como reconhece o próprio escritor, é sobre o Moçambique que ele imagina. O escritor define a sua condição da seguinte forma:

O meu país tem países diversos, dentro profundamente dividido entre universos culturais e sociais variados. Sou moçambicano, filho de portugueses, vivi o sistema colonial, combati pela independência, vivi mudanças radicais do socialismo ao capitalismo, da revolução à guerra civil. Nasci num tempo de chaneira, entre um mundo que nascia e um mundo que morria. Entre uma pátria que nunca houve e

outra que ainda está nascendo. Essa condição de um ser de fronteira marcou-me para sempre. (COUTO, 2005, p. 106).

O escritor Mia Couto proferiu as palavras acima em um discurso realizado na Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro. O discurso é sobre a obra e o valor de Guimarães Rosa para a literatura de língua portuguesa. Todavia, ao falar de Rosa, Mia Couto deixa transparecer a condição de seu país, Moçambique, e sua condição de cidadão moçambicano.

No trecho acima, o escritor pontua primeiro a sua participação na luta pela independência, afirmando que em meio a tantas mudanças de regime político, lutas em prol da independência e a guerra civil, ainda sim ele continuou em seu país. No entanto, o fato mais importante que essa fala de Couto evidencia é a sua condição de “ser de fronteira”, uma pessoa que viveu e vive em uma fronteira, um “entre lugar”. Ao utilizar a expressão um “entre lugar” o faço a partir do entendimento deste, como um local de rasura, algo que possibilita viver entre dois mundos – e que, num primeiro olhar, parecem mundos distintos, mas que, na realidade, são complementares.

Nesta seção da dissertação nos interessa compreender a forma como o intelectual Mia Couto se posiciona nessa fronteira, instância em que ele próprio se posiciona, enquanto pessoa pública que afirma tratar sobre o país Moçambique, em sua produção literária.

Retomando os apontamentos de Said, um intelectual é antes de tudo aquele que se diferencia entre os demais por conseguir derrubar estereótipos e categorias redutoras, aquele que contribui para a sua sociedade ajudando a desfazer estigmas.

Mia Couto é um importante escritor, reconhecido pelo meio acadêmico e pelo mercado literário, mas isto não é suficiente para defini-lo como um intelectual, nos termos dados por Said. Muitos leitores de Couto não conhecem Moçambique, mas uma perspectiva de Moçambique, o traço que o escritor faz de seu país em sua escrita.

Por esse motivo, pensando a partir dos pontos defendidos por Said, um questionamento se torna relevante: de que maneira Couto está ajudando a desfazer estigmas em Moçambique e fora de seu país através de sua atividade literária? Considerando que sua obra já ultrapassou as barreiras da África, sendo consumida por outros continentes, alvo de diversos estudos acadêmicos e premiações?

Em entrevista dada ao Jornal de Notícias de Moçambique, o jornalista questiona Couto sobre o fato de ser o escritor mais lido em seu país e no exterior, e se tal fato cria alguma pressão. A esse respeito, Couto afirma:

É uma mistura de sentimentos. É assim: há alguma coisa que me dá prazer nisso, eu tenho algum orgulho e alguma vaidade pelo facto de que esse reconhecimento me foi dado. Às vezes fico muito comovido, na rua, por exemplo, quando muita gente, que provavelmente nunca leu os meus livros, mas que me dizem coisas como “você é uma espécie de bandeira nossa, continue...” Encaro isso como mensagens de grande gratidão da parte das pessoas que assim se pronunciam e fazem de mim uma pessoa grata por tudo o que tenho vindo a fazer [...] sinto isso como uma responsabilidade que eu acho que não quero ter, eu não posso definir-me a mim próprio como sendo representante de alguma coisa. Tenho todo o prazer em que o meu nome esteja associado ao nome do país, de uma terra que ainda tem que se afirmar, e me orgulho por isso.²⁶

O escritor demonstra ter consciência de sua responsabilidade como pessoa pública. Apesar de Couto afirmar não poder ser “representante de alguma coisa”, este é um caminho sem retorno, sua figura pública é atrelada à sua produção literária que, por sua vez, é ligada às temáticas de seu país, como ele já afirmou em diversas entrevistas.

3.2

A criação de “Moçambiques” possíveis: modos de fazer

Mia Couto nasceu e viveu toda a sua vida em Moçambique, logo vivenciou a situação de seu país nos períodos da colonização e posterior à colonização. Sua escrita reflete esses dois períodos. Para Mia Couto o poeta é que faz o:

(...) trabalho de alfaiate, dessa costura, dos mundos distintos que hoje existem em Moçambique, que não se conhecem, que nem sequer sabem como falar uns com os outros. Então, o mundo rural e o mundo urbano, meio que são mundos que se desconhecem. E, provavelmente, se é que a escrita tem alguma missão, o que os escritores podem fazer é desfazer, dissolver esses medos. Até convidar, neste sentido que essa viagem nos dá intenso prazer de entrar com realidade, urbanidade. E, entre a modernidade

²⁶ Disponível em <<http://www.revistabula.com/posts/entrevistas/entrevista-mia-couto>>

e a tradição, é uma espécie de convite para que os outros façam essa viagem sem temor.²⁷

A viagem da escrita sem temor de que fala Couto acontece porque sua escrita não segue modelos estabelecidos. Sua escrita se alimenta das culturas de seu país, do modo como o autor se relaciona com essas culturas e é dessa relação que surgem as suas experimentações estéticas. Dessa forma, ele vai tecendo suas histórias e leva para o seu leitor o Moçambique, que ele, Couto, imagina ser. Como mestiço, uma pessoa que habita em um “entre lugar”; condição que lhe traz a possibilidade de pertencer à “fronteira” entre o Oriente e o Ocidente, o que lhe permite fazer sem medo uma viagem entre a modernidade e a tradição de seu país. É nesta fronteira que Mia Couto apresenta Moçambique em sua literatura, seu país de nascimento e de escolha, que lhe inspira a tecer suas histórias.

Quando Mia Couto afirma necessitar “inscrever na língua do [seu] lado português a marca da [sua] individualidade africana”, é uma escolha do escritor se incluir nesse entre lugar que conjuga a sua condição multicultural; essa é a posição assumida por ele, o local onde ele se posiciona e de onde ele produz a sua literatura. A escrita de Couto transparece a sua condição enquanto moçambicano:

Sou um escritor moçambicano, eu não me considero português. Quer dizer, eu sei que eu tenho um lado português, mas não sou português. Não por uma razão de nascimento no sentido geográfico, mas porque eu só me concebo... aquilo que me falta ainda nascer só pode nascer em lá [Moçambique], nesse sentido. As vezes que eu nasci, todas elas foram lá e acho que ainda vou nascer, são lá. É mais nesse território de fé, no território da minha geografia cultural que está ali em Moçambique. Obviamente que não tenho nenhuma briga com aquilo que é minha herança portuguesa, gosto dela. Se há alguma coisa que eu possa dizer que sou, sou dali, daquela Moçambique, sim.²⁸

Na literatura de Mia Couto é possível perceber em cada livro lançado que seu país, seu povo, são alvos de sua observação. Através da atividade discursiva de Mia Couto é possível perceber as posições assumidas pelo escritor, ao se definir como alguém que tem a responsabilidade de ajudar a construir o seu país, dar-lhe moldura e dessa forma criar “Moçambiques” possíveis em sua produção literária.

Uma das características das narrativas de Couto é a forma como a língua portuguesa parece ganhar outra sonoridade, novas palavras são integradas ao

²⁷Entrevista concedida a Elisa A. Buzzo, em 14 de setembro de 2006, em: <http://www.digetivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2047>.

²⁸Idem.

léxico e assim formam uma espécie de escrita “oralizada”, isto é, com traços de oralidade. A língua portuguesa é utilizada para – através das palavras escritas – criar uma identidade nacional. Tal fato pode parecer, no mínimo, um paradoxo, ajudar a criar uma identidade nacional através de uma língua “importada”. No entanto, a língua portuguesa que se apresenta é uma língua que sofreu influência dos diferentes dialetos e línguas faladas no país e a produção literária é uma espécie de somatório do uso dos gêneros da língua portuguesa com a forma oral de contar histórias. Para Cavacas, Mia Couto consegue através dessa junção “antecipar a moçambicanidade através de uma escrita mágica numa língua portuguesa oriunda de índicas mestiçagens” (CAVACAS, 2006, p. 58).

Dessa forma, entendemos que a escrita de Couto é híbrida, mestiça em gêneros, linguagens e estética: uma escrita alimentada pela estrutura da língua e pela tradição oral. De acordo com Cavacas, “(...) a palavra coutista [apresenta] aparente conflitualidade de sua presença criativa ao universo da oralidade do português moçambicano e de sua materialização poética em contexto moçambicano e ao nível da escrita literária em língua portuguesa” (CAVACAS, 2006, p. 59).

A oralidade, ou melhor, percepção de toques de oralidade na forma de escrever de Mia Couto, ajuda a compreender como as palavras escritas de Moçambique não deixam de fora a cultura oral. Seria, nesse caso, a oralidade uma ferramenta estética, uma condição da cultura de seu país que resvala em sua escrita.

De acordo com Ana Mafalda Leite:

As obras literárias, em especial as mais recentes, problematizam, tematizam, a importância das vertentes das culturas e poéticas orais nos seus países. Isso acontece, com particular veemência, na literatura angolana e na literatura moçambicana. No caso desta última, onde predomina a publicação do conto em desfavor do romance, a obra singular de Mia Couto tem manifestado uma conflitualidade dialógica na tematização das tradições e seu confronto com a modernidade (LEITE, 2003, p. 37).

A partir da explicação de Leite é possível perceber que a oralidade, a tradição africana em contar histórias de seus mitos e lendas, não é utilizada por Mia Couto como mera ferramenta estética. Esta é antes de tudo um reflexo de sua cultura e ao utilizar o modo de narrar africano somado à escrita o autor realiza uma junção do moderno com a tradição, o que permite criar uma expressão literária rica em descrições, imagens que aguçam os sentidos de seus leitores.

Para Couto o grande abismo que existe em Moçambique não é o do analfabetismo, e sim a dificuldade em fazer o universo oral conversar com o universo escrito:

(...) o universo oral não é uma coisa menor, é uma grande escola, é um outro sistema de pensamento. E é neste sistema de pensamento que eu aprendi aquilo que é mais importante hoje para mim. Inclusive, a maneira como eu escrevo nasce desta condição de que este é um país dominado pela oralidade, um país que conta histórias através da via da oralidade (COUTO, 2007, p.3).

A valorização do universo oral ajuda a construir uma literatura esteticamente atraente e pontua ser essa a maneira dos africanos de contarem as suas histórias escritas. A oralidade ajuda a alimentar os seus universos de escrita. É inegável, diante dos dados, que uma parcela muito pequena da população de Moçambique domina o idioma oficial; segundo Couto “a grande maioria entende e fala português inculcando na norma portuguesa as marcas das culturas de raiz africana” (COUTO, 2010, p. 15).

A tradição oral é inerente ao povo moçambicano, é uma cultura passada por idosos que contam histórias que foram contadas por seus antepassados, uma forma de se expressar e de passar as heranças culturais, a religião, as crenças de seu povo. Portanto, ela não é menos importante que a cultura das letras. Pelo contrário, podemos perceber na literatura feita em países como Angola e Moçambique que é esta cultura oral que ajuda a criar uma literatura tão atraente.

Ao falar sobre Guimarães Rosa, Mia Couto define o papel do escritor moçambicano diante do universo oral e o escrito:

Riobaldo é uma espécie de contrabandista entre a cultura urbana e a cultura letrada e a cultura sertaneja e oral. Esse é também um desafio que enfrenta não apenas o Brasil, mas também Moçambique. Mais do que um ponto de Charneira necessita-se também de um médium, alguém que usa poderes que não provém da ciência e nem da técnica para colocar esses universos [oral e o escrito] em conexão. Necessita-se da ligação com aquilo que João Guimarães Rosa chamou de “os do lado de lá”. Esse lá está dentro de cada um de nós. Esse lado de lá é numa palavra, a oralidade (COUTO, 2010, p. 113).

O universo oral e o escrito não são separados, são ambos parte da cultura moçambicana. As palavras escritas moçambicanas são alimentadas pela milenar tradição oral. A literatura permite colocar em confronto mundos distintos e suas culturas diversas e assim um aprende com o outro. O escritor (ganhador de diversos prêmios por sua produção literária) quando visita a Savana é colocado

em contato com pessoas que nunca leram um livro, mas são capazes de ler mundos. Mia Couto afirma que:

(...) nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler nuvens, nem o primeiro prenúncio de chuvas. Não sei falar com os mortos [...] Nessas visitas que faço à Savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e afastar-se das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável (COUTO, 2010, p. 15).

Diante das possibilidades imaginativas que o universo oral proporciona o escritor tem criado suas histórias sobre seu país, Moçambique. O texto parte de uma matriz europeia, fruto da colonização, mas também sofreu mestiçagens ao encontrar as matrizes africanas; para Cavacas após as análises de vários textos de Mia Couto foi detectada “a existência de uma escrita literária contaminada pela oralidade e plena de elementos significativos da paremiologia, da simbologia e da imagética das culturas em presença no contexto moçambicano” (CAVACAS, 2006, p. 66).

Ao analisar os livros de Couto é possível perceber o que pontua Cavacas. Tomemos como exemplo o seu primeiro livro, *Raiz de orvalho*, de 1983. Sobre os poemas que compõem o livro, Mia Couto afirma que os mesmos possuem um cunho intimista, o poema de abertura do livro intitula-se *Identidade*:

*Preciso ser um outro
para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta
[...]
Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro
No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço
(COUTO, 1999, p. 7).*

Para Paulina Chiziane, em *Raiz de orvalho*

(...) deparamo-nos frontalmente com uma verdadeira teatralização do ‘eu’, isto como resultado do próprio exercício verbal, que é heterogêneo. Trata-se de um “eu” poético que nos surge, amiúde, à medida que percorremos os textos, na primeira pessoa do singular (eu) e por vezes, na do plural (nós), numa voz repassada de pronunciada emoção, como que espelhando uma realidade interior; outras tantas vezes é um manancial de lirismo [...] O discurso lírico de Mia Couto é pleno mercê de um curioso exercício verbal, que se manifesta de diferentes formas: ambiguidade, paradoxo, trocadilho, cuja combinação muitas vezes desemboca no absurdo (CHIZIANE, 1987, 43).

No seu primeiro livro Couto já demonstrava as características de sua estética, como pontua Chiziane, ao falar sobre o “curioso” exercício verbal do escritor, uma estética que se alimenta das diferenças, das potencialidades existentes nos códigos – quer seja o oral ou escrito. Em *Vozes anoitecidas*, livro editado em 1986, sua estética deixa de ter o cunho intimista do livro anterior e traz para as palavras escritas as histórias de seu povo, que antes eram contadas nas rodas de escuta em que os griô²⁹ ou os idosos têm a palavra.

Como já pontuamos no capítulo anterior o livro foi alvo de muitas críticas negativas, por conta da diferente forma de narrar. Para Agualusa: “*Vozes anoitecidas* são doze histórias de amor à nação moçambicana e a língua portuguesa. Doze histórias que compõem um dos mais fascinantes livros que me foi dado ler nos últimos anos” (AGUALUSA apud CAVACAS, 2006 p. 62). Para Cavacas é a partir de *Vozes anoitecidas*, livro que narra uma espécie de encontro de culturas entre o saber dos livros, o científico, com o saber dos povos “sabedores de vida (s)”³⁰, que Mia Couto encontra a sua estética, o seu modo de fazer literatura, que será uma constante em todo o percurso literário do escritor.

Na nota de abertura do livro Couto afirma ter feito uma travessia pela fronteira de sombra, nesta travessia, escutou vozes. Segundo o autor, os contos que compõem o livro foram formulados a partir de histórias que ouviu de pessoas que habitavam a zona rural de Moçambique e “*outras foram asas no meu voo de escrever*”. *Vozes anoitecidas* é considerado por muitos estudiosos, como Noa e Mendonça, um dos mais importantes livros da década de 80, em Moçambique, por apresentar estética e temática diferentes dos livros lançados nos períodos anteriores.

No entanto, foi com o livro *Terra Sonâmbula*, lançado em 1992, que o escritor ganhou notoriedade internacional, sendo tema de diversos estudos acadêmicos e por ele tendo recebido vários prêmios internacionais. *Terra Sonâmbula* é considerado um dos dozes melhores romances publicados em África, no século XX.

Para Fonseca & Cury o livro apresenta

²⁹ Indivíduo que, numa comunidade, aquele que detém a memória do grupo e funciona como o difusor de tradições. Da ETIM do francês *griot*, de *guiriot* “poeta, cantor e músico ambulante das áreas sudanesa e guineense” (HOUASSIS, 2009, p. 1990).

³⁰ Termo utilizado por Mia Couto para se referir aos moradores das zonas rurais de Moçambique.

(...) uma escrita transgressora, o diálogo com o universo da oralidade, a palavra escrita ocupando papel de mediação e conservação das tradições e dos rituais das falas. Num mundo que se fragmenta, palco de guerras e deslocamentos, descaracterizações, a palavra escrita assume-se como local privilegiado de conservação da memória (FONSECA & CURY, 2008, p. 25).

O livro nos coloca em face de uma história que funciona como uma visita ao passado, frente à guerra civil revivida através das personagens, frutos da memória de seu autor. Em *Terra Sonâmbula* Mia Couto conta duas histórias: a história de Kindzu, um rapaz que resolve fazer uma viagem pelo seu país à procura dos Naparamas,³¹ e a viagem de Tuahir e Muindiga, que encontraram ao lado do corpo de Kindzu o diário onde ele escreveu suas descobertas, no decorrer de sua viagem. As histórias de Kindzu são contadas como *flashbacks*, no decorrer da narrativa. As cenas criadas por Couto são fortes e nos remetem ao horror da guerra:

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas arrastavam o focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdido toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte (COUTO, 2002, p.9).

Talvez a necessidade de Kindzu em encontrar os Naparamas venha da aflição em ver a sua terra em estado crescente de morte, considerando que somente uma força divina, advinda da crença nos feiticeiros, poderia acabar com aquela guerra. No decorrer do romance Mia Couto descreve a situação de Moçambique durante a guerra civil, fala do campo de acolhimento,³² local para onde os moçambicanos iam quando fugiam de suas aldeias, a fim de tentar escapar das violências cometidas pelos soldados que incendiavam as casas, destruíam as plantações e praticavam uma série de atrocidades: “Este campo de refugiado costumava ser atacado [...] ninguém dormia nas casotas. Todos se encaminhavam para buracos escavados no campo. As casotas eram disfarces para desviar a atenção dos salteadores” (COUTO, 2002, p. 184-185).

³¹ Guerreiros tradicionais, abençoados por feiticeiros. Kindzu acreditava que estes guerreiros poderiam acabar com a guerra civil.

³² Os campos de acolhimento eram áreas sem qualquer condição de sustentabilidade, onde havia escassez de alimentos e proliferação de doenças.

Além de fugir para os campos de acolhimento, muitos fugiam da zona rural para o Centro, em busca de refúgio, “dormiam nas ruas, nos passeios, por todo lado, se viam corpos estendidos, estirados ao sol” (COUTO, 2002, p. 104).

O livro funciona como um exercício de memória que conta um importante fato do país, a guerra civil, o drama da população. Kindzu, Tuahir e Muindiga são utilizados por Mia Couto como testemunhas das atrocidades que o povo moçambicano sofreu durante os anos de guerra. A ficção dialoga com a realidade, permitindo que a história seja recontada por outro olhar, o da lembrança de quem viveu aqueles fatos. Couto defende que:

A História como tal conhecemos está quase sempre mal contada. Retiram dessa narrativa a pequena história, oficializaram-na, manipularam essa memória do passado de acordo com interesses de elites. A nossa obrigação é reconhecer que existem outras narrativas do passado e elas podem ser mais instigantes que esse texto solene que consta dos compêndios escolares (COUTO, 2006, p.2).

Terra Sonâmbula traz outra narrativa do passado e coloca em discussão um importante fato histórico, tal como definiu Couto, só que de forma mais instigante e com detalhes que apenas a memória de quem testemunhou a guerra pode trazer à tona, permitindo a recuperação de histórias que foram silenciadas.

Em 2007 o romance foi adaptado para o cinema por Teresa Prata, classificado na categoria drama. O filme ganhou diversos prêmios.³³ A sinopse do filme diz que *Terra Sonâmbula* conta:

Dois histórias separadas pela guerra e unidas por um diário. Entre a Guerra Civil e as histórias de um diário perdido, Muindiga e Tuahir são os heróis deste filme. Muindiga lê no diário, encontrado ao lado de um cadáver, a história de uma mulher que encerrada num navio procura o filho. Muindiga convence-se que é o menino procurado no diário. Vai então ao encontro da mulher com Tuahir, um velho seco e cheio de histórias que o trata como filho. A viagem é dura: eles movem-se entre refugiados em estado de delírio. Para não enlouquecerem, têm-se um ao outro. A estrada por onde caminham, como sonâmbulos, é mágica: entende os seus desejos e move-os de um lugar a outro, não os deixando morrer enquanto eles não alcançarem o tão sonhado mar. Os dias são de fuga, dos guerrilheiros e da fome, as noites são de busca de uma história de aventuras.³⁴

Ao ler a sinopse do filme é possível perceber que a história do romance não sofreu grandes mudanças. Ao falar sobre o filme em uma entrevista, Mia

³³ Prêmio FIPRESCI (2008) - International Film Festival Kerala, Índia;
Melhor Realização (2008) - Pune International Film Festival, Índia;
Prêmio da Lusofonia - FAMAFEST, Portugal;
Prêmio SIGNIS (2008) - Asian, African and Latin American Film Festival, Milão;
Prêmio do público e menção honrosa da Amnistia Internacional (2008) - Indie Lisboa, Portugal;
Melhor Argumento (2008) - Festival Internacional de Cinema de Bursa, Turquia;

³⁴ Disponível em: < <http://filmesportugueses.com/terra-sonambula/>>

Couto afirma que Teresa Prata soube captar o essencial de seu livro e que gostou do resultado ao assistir o filme em DVD.

Após *Terra Sonâmbula* o autor lançou outros livros, como *O ultimo voo do flamingo*, *Cronicando*, *Estórias absonhadas*, *O fio das missangas*, entre outros. Os três últimos serão analisados no próximo capítulo desta dissertação. O fio condutor do projeto de escrita de Couto perpassa por sua condição de intelectual híbrido,

(...) pode-se dizer que sua escrita é um lugar de mediação das várias heranças do escritor [...] ele, escritor, mistura seu *locus* de enunciação – a palavra escrita – ao do condutor, ao griô [...] assumindo radicalmente o lugar da fronteira (CURY & FONSECA, 2008, p. 17).

Sua obra conjuga o real ao ficcional, reescreve o passado e a tradição de seu país e dessa forma promove uma autognose de sua sociedade.